

Amanda Cantú Rodrigues Soares

Universidade do Vale
do Taquari - Univates
ORCID iD [https://
orcid.org/0000-0002-
9387-3833](https://orcid.org/0000-0002-9387-3833)

**Jane Márcia
Mazzarino**

Universidade do Vale
do Taquari - Univates
ORCID iD [https://
orcid.org/0000-0002-
6051-5116](https://orcid.org/0000-0002-6051-5116)

**A violência de gênero como
estopim e as redes sociais
como propulsoras da quarta
onda feminista no Brasil**

**La violencia de género como
detonante y las redes sociales
como impulsoras de la cuarta
ola feminista en Brasil**

**Gender violence as a trigger
and social networks as drivers
of the fourth feminist
wave in Brazil**

RESUMO

Este artigo busca investigar a atual insurreição do movimento feminista no Brasil e a influência das redes sociais neste fenômeno. Para isso, relata a evolução do movimento através das quatro ondas, suas reivindicações e conquistas. A metodologia se apoia em estudos bibliográficos sobre movimentos sociais e sobre o feminismo, bem como no estudo de caso do coletivo feminista brasileiro Não Me Kahlo, e na análise qualitativa das publicações que tiveram como tema a violência, em sua página na rede social Facebook, durante os meses de janeiro e junho de 2019. Desta forma, o artigo considera que a quarta e atual fase do movimento feminista surge por meio de uma indignação feminina coletiva em razão dos crescentes casos de violência de gênero, e se impulsiona e populariza através das redes sociais.

Palavras-chave: Feminismo; Violência de Gênero; Redes Sociais.

RESUMEN

Este artículo busca investigar la insurrección actual del movimiento feminista en Brasil y la influencia de las redes sociales en este fenómeno. Para ello, informa la evolución del movimiento a través de las cuatro ondas, sus reclamos y logros. La metodología se basa en estudios bibliográficos sobre movimientos sociales y feminismo, así como en el estudio de caso del colectivo feminista brasileño Não Me Kahlo, y en el análisis cualitativo de publicaciones sobre violencia en su página de Facebook, durante los meses de enero y junio. 2019. Así, el artículo considera que la cuarta y actual fase del movimiento feminista surge a través de una indignación femenina colectiva ante los crecientes casos de violencia de género, y se promueve y populariza a través de las redes sociales.

Palabras-clave: Feminismo; Violencia de género; Redes sociales.

ABSTRACT

This article seeks to investigate the current insurrection of the feminist movement in Brazil and the influence of social networks on this phenomenon. For this, it reports the evolution of the movement through the four waves, its claims and achievements. The methodology is based on bibliographic studies on social movements and feminism, as well as on the case study of the Brazilian feminist collective Não Me Kahlo, and on the qualitative analysis of publications on violence on its Facebook page, during the months of January and June 2019. Thus, the article considers that the fourth and current phase of the feminist movement arises through a collective female indignation due to the growing cases of gender violence, and is promoted and popularized through the social networks.

Keywords: Feminism; Gender Violence; Social media.

Submissão: 25-4-2021

Decisão editorial: 7-2-2022

Introdução

A violência de gênero é uma epidemia crescente. Nos primeiros seis meses de 2019, o Ligue 180 (Central de Atendimento à Mulher), serviço oferecido pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, recebeu 46.510 denúncias, conforme dados registrados pela Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos. São relatos de ameaça, cárcere privado, feminicídio e tentativa de feminicídio, tráfico de mulheres, violência doméstica e familiar, violência física, moral, obstétrica, patrimonial, psicológica, sexual e virtual, entre outras. Os números demonstram um aumento de 10,93% em relação ao mesmo período do ano anterior, conforme dados extraídos do Sistema Integrado de Atendimento à Mulher (GOVERNO FEDERAL, 2019, texto *on-line*).

O Atlas da Violência, divulgado em 2019 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, destaca que, entre 2007 e 2017, período analisado pelo estudo, houve crescimento de 30,7% no número de feminicídios no país. (ATLAS..., 2019, texto *on-line*).

Estes dados são fundamentais para compreendermos um movimento crescente no Brasil e em outros países: a Quarta Onda Feminista, insurgida a partir da indignação coletiva com a crescente violência de gênero e impulsionada pelas redes sociais.

Desta forma, justifica-se a importância social do estudo, que investiga a influência das redes sociais na quarta insurreição do movimento feminista. A busca por artigos sobre o tema evidenciou que são escassas as produções científicas que tratem diretamente da relação entre o nascimento e desenvolvimento da Quarta Onda Feminista, a violência de gênero e as redes sociais. Neste sentido, atesta-se a relevância desta proposta para o campo da Comunicação.

A filósofa Marcia Tiburi define o feminismo como “um desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado” (TIBURI, 2018, p.12). Este movimento social, político, ideológico e filosófico surge a partir da luta feminina por igualdade e, ao longo da sua história, vive diferentes momentos, com demandas e formas de comunicação distintas, conforme o contexto histórico onde se insere.

O presente estudo busca investigar a quarta insurreição feminista e a influência das redes sociais neste fenômeno por meio de levantamento bibliográfico e de estudo do trabalho do coletivo Não Me Kahlo na rede social Facebook, por intermédio de análise das publicações que tratam sobre violência contra a mulher, publicadas entre os meses de janeiro e junho de 2019. O recorte foi assim delimitado para retratar a realidade recente do conteúdo produzido pelo coletivo e contemplar um longo período de postagens (seis meses completos) antes do início da pesquisa, que se deu em julho de 2019. O Facebook foi escolhido por ser a primeira rede social na qual o coletivo esteve presente.

Teoricamente, conceitua-se o movimento feminista e suas quatro ondas, diferenciando demandas e formas de manifestação, além de se esclarecer a insurreição da Quarta Onda no Brasil. O final do artigo refere-se ao estudo de caso relacionado ao objetivo da pesquisa, quando se relaciona o uso das redes sociais para denunciar a violência contra a mulher em publicações do coletivo Não Me Kahlo em sua página no Facebook.

Metodologia

O artigo se configura como um estudo de caso: uma análise intensiva, onde o pesquisador reúne a maior quantidade de informações possíveis para compreender a totalidade do fato pesquisado (DUARTE, 2009.) A abordagem da pesquisa é qualitativa, exploratória e descritiva, já que investiga elementos relativos aos significados dados a um tema, esclarece conceitos e explora hipóteses de modo a obter familiaridade e descrever as características de um determinado fenômeno (GOLDENBERG, 1998; GIL, 2008).

Faz-se um levantamento bibliográfico e documental. A pesquisa bibliográfica se dá por meio de obras literárias de autores como Heloísa Buarque de Hollanda, Maria da Glória Gohn e Márcia Tiburi, além de artigos acadêmicos e monografias de diversos autores sobre o tema. Quanto à pesquisa documental, se configura em uma ferramenta de resgate histórico e compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim (MOREIRA, 2009). A pesquisa documental se deu através da análise das postagens sobre violência contra a mulher na página no Facebook do coletivo Nyão Me Kahlo. Entre as técnicas e procedimentos de co-

leta de dados, além da análise documental, foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma das fundadoras do coletivo Não Me Kahlo, de forma a compreender melhor suas lógicas de midiatização.

Para analisar os dados documentais e de entrevista são utilizadas as análises textual e de imagem. A análise textual proposta por Moraes (2003) mostrou-se adequada porque debruça-se sobre discursos de modo a realizar uma leitura rigorosa e profunda, da qual decorre a interpretação e a compreensão mais elaborada do fenômeno, conjugando aspectos quantitativos e qualitativos. Os materiais textuais coletados foram categorizados de forma a priori. Em seguida, foram descritos e relacionados, de modo a produzir novas compreensões, decorrente da sua leitura aprofundada, como propõe o autor. A análise textual foi combinada com a análise de imagem.

A análise de imagem refere-se à busca de compreensão da mistura complexa que se dá entre texto escrito ou falado, imagens visuais e outros elementos que as postagens do Facebook possibilitam (ROSE, 2002). Rose propõe um olhar sobre a composição dos materiais a partir da sua estrutura e conteúdo (imagem, técnica, etc.), levando-se em conta três etapas: coleta, transcrição e codificação, sendo que em cada uma gera-se a produção de um novo resultado (simplificação). A autora ressalta que não existe uma única forma de realizar a análise de imagens, a qual decorre do olhar, dos referenciais e das decisões do pesquisador, exigindo-se que estas lógicas estejam explícitas.

No caso deste estudo, definiu-se pela inclusão de todas as publicações postadas no Facebook de janeiro a junho de 2019. Posteriormente, optou-se pela

organização dos dados, separando-os por meses. As publicações foram quantificadas, classificadas por tipo de postagens (inéditas/não repetidas, autorais, compartilhamentos de outras páginas da mesma rede social, links de sites e cards - próprios e de terceiros). Após, foram selecionadas as postagens sobre violência, quando foram analisados os temas, formatos de mídia e a estratégia de abordagem estética das publicações: cores, tipos de fontes e elementos gráficos.

O feminismo e suas ondas

Os movimentos sociais nos acompanham desde a Antiguidade. Conforme Anthony Giddens (2005, p.357), estes movimentos representam "tentativas coletivas de promover um interesse comum ou de assegurar uma meta comum por meio de uma ação fora das esferas das instituições estabelecidas". Segundo o autor, os movimentos sociais se formam quando um determinado grupo percebe que o sistema tradicional bloqueia ou impossibilita a concretização de seus objetivos ou ideologias.

A socióloga e cientista política Maria da Glória Gohn (2004) acrescenta que um movimento social sempre envolve um grupo de pessoas em busca de um bem simbólico ou material. Os movimentos sociais são agentes de mudança social e, conforme Gorczevski e Martin (2011), buscam exercer pressão sobre as autoridades e agir em solidariedade aos setores menos favorecidos ou marginalizados. Portanto, estão diretamente ligados ao exercício da cidadania, já que são relevantes para criar uma sociedade mais justa para todos.

Dentre estes movimentos sociais está o feminismo. Pode-se resumir seu objetivo na fala da filósofa Jacile-

ne Maria Silva (2019, p.5), como um “movimento político que reivindica a libertação da mulher de todos os padrões e expectativas comportamentais de gênero”.

Já a também filósofa Marcia Tiburi vai além e define o feminismo como um movimento que, apesar de ter nascido do anseio das mulheres por modificações nos papéis sociais e nas relações de poder, é uma luta por todos. Inclusive pelos homens, que também são afetados, embora em menor grau, pelo sistema patriarcal:

Podemos defini-lo [o feminismo] como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Neste processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida, para a produção do prazer alheio, que também compõem a ampla esfera do trabalho na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência (TIBURI, 2018, p.12).

O feminismo é um movimento social emancipatório, que associa pautas de caráter intelectual, político e filosófico, e atua por meio da militância e da fundamentação teórica (SILVA, 2019). Com origem na luta feminina por igualdade, o feminismo costuma ser seccionado por estudiosos em diferentes ondas, que representam diferentes fases do movimento.

Cada onda apresenta um recorte histórico específico, onde o movimento sofre influência de pautas que estão em evidência no contexto social. A categorização em ondas se dá para fins didáticos, pois mesmo quando existe concordância entre pautas, existem teorias, perspectivas e movimentos parale-

los diferentes, cada qual com suas particularidades, dentro do movimento feminista.

Autores como Silva (2019) determinam o início da Primeira Onda Feminista no fim do século XIX. Entretanto, é consenso que mesmo antes deste período já existiam mulheres questionando seu papel como ator social. Durante a Revolução Francesa (1789-1799), por exemplo, já havia uma luta organizada por mulheres que clamavam por igualdade de direitos e deveres. O que ocorre é que, antes desta delimitação temporal não existia uma organização feminina coletiva com o objetivo de rebater o que julgava injusto em sua condição (SILVA, 2019). A expressão feminismo começou a ser utilizada a partir de 1911, nos Estados Unidos, para substituir termos como “movimento das mulheres” (GARCIA, 2015).

A Primeira Onda

A fase que ficou conhecida como Primeira Onda Feminista compreende o período entre o fim do século XIX, até meados do século XX. Esta movimentação começa a ganhar força nos Estados Unidos e em países da Europa, como Reino Unido e França, e se destaca pela reivindicação feminina por direitos civis que já eram comuns aos homens, como o direito de participação política, de votar ou concorrer em uma eleição, o direito de participar da vida pública e ter legitimidade para administrar bens (SILVA, 2019; GARCIA, 2015).

As feministas da Primeira Onda também questionavam o papel submisso e passivo imposto às mulheres, que deveriam permanecer em seu lugar social dentro de casa, cuidando do marido, dos filhos e dos assuntos domésticos. Conforme Silva (2019), o

que fundamentou a crítica feminista da Primeira Onda foi o liberalismo e o universalismo. Com base neles, as feministas defendiam que homens e mulheres são iguais tanto moral quanto intelectualmente e, por isso, devem ter as mesmas oportunidades de participação política, educação e desenvolvimento profissional.

Estas pautas, entretanto, eram demandas levantadas por ativistas brancas e membros de uma elite classista que, embora subordinadas aos seus maridos ou pais, tinham autonomia institucional e jurídica (SILVA, 2019).

Fazer recortes de classe e raça, apesar de muitas vezes ignorados na época, é fundamental para compreendermos quem eram as ativistas da Primeira Onda e a natureza de suas pautas. Se, na época, direitos civis e políticos eram negados às mulheres como um todo, a situação ia muito além disso para as mulheres negras e da classe operária. As mulheres negras analisavam sua condição de gênero aliada à condição racial e buscavam por direitos ainda mais fundamentais, como serem reconhecidas, perante a lei, como seres humanos (SILVA, 2019). As mulheres proletárias traziam para a discussão de gênero elementos da luta sindical, visto que viviam à margem da riqueza que elas próprias produziam nas indústrias, em situação de miséria (GARCIA, 2015).

Esta realidade fica explícita no famoso discurso da ativista norte-americana Sojourner Truth, denominado “Não sou uma mulher?”, pronunciado durante a primeira Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres, em Akron, Ohio, em 1851. Em sua fala, Sojourner, que era ex-escrava, ativista do direito das mulheres e abolicionista, relata sua experiência como mulher negra na sociedade da época.

O direito de trabalhar reivindicado pelas mulheres burguesas, por exemplo, nunca foi negado às mulheres negras e proletárias. Pelo contrário. Enquanto as mulheres burguesas lutavam para não serem mais vistas como seres frágeis e incapazes, as mulheres negras e membros da classe operária nunca foram vistas desta forma.

Assim, se pode destacar que o movimento durante a Primeira Onda é bem dividido. Parte das mulheres lutavam por reivindicações básicas como a abolição da escravidão, enquanto outras, apesar de feministas, inclusive se posicionavam contra o movimento abolicionista e até participavam de grupos supremacistas brancos (SILVA, 2019).

A primeira fase do movimento perde força no período entreguerras, quando alguns países começam a permitir o voto feminino (GARCIA, 2015). Com a chegada da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os meios de comunicação passam a difundir a ideia de que a população tem o "dever moral de servir à pátria", mensagem que é direcionada também às mulheres, que são chamadas para atuar como enfermeiras próximo aos campos de batalha ou em campos de cuidados dos feridos (SILVA, 2019).

Ao fim da Segunda Guerra, pode-se dizer que alguns dos avanços alcançados pelas ativistas sofrem retrocesso. Muitas mulheres, que haviam ingressado no mercado de trabalho ocupando o lugar dos homens que lutavam na Guerra, perdem seus postos quando estes regressam do conflito. Neste momento também se inicia a cultura de uma sociedade de consumo, que precisava de mulheres dispostas a comprar. Ocorre então um retorno das mulheres à domesticidade (GARCIA, 2015).

A Segunda Onda

Com o retorno à vida doméstica, retorna também a insatisfação das mulheres com o papel designado a elas pela sociedade (GARCIA, 2015). A partir da década de 1950 tem início uma nova fase do movimento, no qual as ativistas buscam debater questões como a distinção entre sexo e gênero. Começa-se a entender o sexo como uma característica biológica e o gênero como uma construção social, e surge a crítica aos papéis impostos aos indivíduos conforme estas características. O lançamento de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949, é um marco no movimento. A obra se tornaria uma das mais influentes e determinantes para a insurreição da Segunda Onda Feminista (SILVA, 2019).

Entre as principais pautas desta nova fase do feminismo está a compreensão da origem da condição feminina e as razões que fundamentam a opressão sobre elas. Conforme Silva (2019), as ativistas da Segunda Onda buscavam entender qual seria o elemento fundamental que uniria todas as mulheres na mesma condição de vulnerabilidade e submissão perante os homens. Sua resposta foi sexo e a capacidade de engravidar.

A partir disso, estas ativistas consideravam possível enquadrar as mulheres como uma categoria universal, onde estas compartilhavam experiências e perspectivas de acordo com o que as tornava mulheres, ou seja, seu sexo biológico. Suas produções literárias, discursos e análises se davam diretamente a partir destas vivências compartilhadas (GARCIA, 2015).

Esta percepção proporcionou o surgimento do Feminismo Radical, corrente de pensamento que busca modificar a situação da mulher na sociedade

por meio da compreensão da origem da opressão machista, ou seja, a biologia feminina. Conforme esta perspectiva, a mulher estaria sempre relacionada de forma social e econômica à sua função reprodutiva, e o patriarcado e o capitalismo teriam se fundado na exploração desta função (SILVA, 2019).

As feministas radicais também se apoiavam na ideia de que não bastava conquistar o espaço público, era preciso também transformar o espaço privado. Elas acreditavam que esferas da vida consideradas privadas, como as relações de poder dentro da família e a sexualidade, eram o centro da dominação patriarcal (GARCIA, 2015). Com isso, a Segunda Onda também defende o direito da mulher sobre o próprio corpo, por meio da autonomia reprodutiva e da liberdade sexual.

O corpo feminino se torna um fator central na luta desta fase do movimento por meio de críticas à exploração deste corpo e, em função disto, estas ativistas se tornaram pioneiras na crítica à pornografia e à prostituição (SILVA, 2019).

Mais uma vez, é preciso analisar recortes de raça, classe e sexualidade dentro do movimento. As ativistas, neste contexto, ainda são, em maioria, mulheres brancas, de classe alta e que frequentam ambientes elitistas, como a universidade, o que influencia suas análises e invisibiliza as vivências de mulheres negras, lésbicas e proletárias. Em função disso, estas mulheres dão início ao que Silva (2019) chama de feminismo identitário.

Insatisfeitas com as análises realizadas por mulheres em situação de privilégio, as mulheres marginalizadas iniciam correntes de pensamento que ressaltam as diferenças de classe, raça, etnia e sexualidade,

pois estas diferenças são decisivas nas experiências que cada uma irá vivenciar como mulher. Esta reivindicação dentro do movimento se torna a base do início da Terceira Onda Feminista (SILVA, 2019).

A Terceira Onda

As décadas de 1980 e 1990 são o contexto histórico da Terceira Onda Feminista, que surge com base na crítica à ideia da mulher como ser universal, difundida pela fase anterior do movimento. Neste período, mudanças significativas estão ocorrendo na sociedade, logo, no feminismo não seria diferente. Conforme Garcia (2015), algumas estudiosas, inclusive, classificam as movimentações que ocorreram a partir dos anos 80 como pós-feministas, tamanha a diversidade de pensamentos proporcionadas pelas ativistas desta fase.

As militantes da Terceira Onda Feminista problematizam o conceito de mulher como um ser resumido por seu sexo e focam na diversidade entre as mulheres e nas implicações da diversidade de suas vivências (GARCIA, 2015). Elas destacam que as opressões sociais atingem as mulheres de formas diferentes conforme suas condições e, desta forma, é essencial reconhecer as variadas identidades e experiências (SILVA, 2019).

A obra *Mulheres, Raça e Classe*, da autora feminista negra Angela Davis, publicada em 1981, é uma das bases teóricas da Terceira Onda, e serve de referência por destacar a ligação entre o gênero e os recortes de raça e classe, fragmentando assim o conceito de mulher coletiva e fortalecendo o Feminismo Negro como uma corrente de pensamento feminista independente (SILVA, 2019).

Neste momento, o feminismo passa a ganhar espaço no cenário cultural por meio de movimentos *undergrounds*. O *Riot Grrrl*, movimento surgido nos Estados Unidos e traduzido como “menina rebelde”, tratava críticas sociais por meio de letras de músicas no estilo punk, assim como através das *zines* (modelo de revista feita manualmente), outras e performances artísticas (SILVA, 2019).

Além da problematização do conceito universal de mulher e o reconhecimento das identidades femininas com base em sexualidade, raça e classe, pode-se apontar ainda como pauta da Terceira Onda Feminista a crítica às narrativas prontas sobre libertação dos estereótipos de feminilidade e vitimização presentes nas fases anteriores. As feministas da Terceira Onda se apropriaram do que as suas precursoras entendiam como símbolos e comportamentos femininos estereotipados e opressivos para reforçar uma ideia de orgulho feminino.

A Quarta Onda

Após um período de pouco crescimento, o movimento feminista retorna para dar forma à Quarta Onda. Apesar de ainda existirem divergências de opinião entre os autores, Heloísa Buarque de Hollanda e Prudence Chamberlain afirmam que já podemos considerar o contexto atual como uma nova fase dentro do feminismo. (HOLANDA, 2018; RIBEIRO, NOGUEIRA, MAGALHÃES, 2021). Silva (2019) defende o momento que vivemos como uma nova onda. Ele argumenta que esta se diferencia das anteriores por apresentar características distintas, como o uso maciço das redes sociais para comunicação interna e externa e, também, como ferramenta de organização, articulação

e fortalecimento dos ideais feministas. Perez e Ricoldi (2019) complementam que esta nova fase está em pleno curso e se destaca pelo aprofundamento de discussões já conhecidas das ondas anteriores, além dos novos debates.

Silva (2019) observa que ocorre um ressurgimento do interesse no feminismo a partir do início da década de 2010, associado ao uso de plataformas como o Facebook, o Twitter, o Youtube e o Instagram, bem como impulsionado por uma série de outros movimentos e manifestações que ganham novo fôlego ou mesmo se formam a partir destas plataformas, como é o caso da chamada Primavera Árabe. Há, inclusive, literaturas que nomeiam a Quarta Onda Feminista como “Primavera Feminina” ou “Primavera das Mulheres”.

No Brasil, a primeira Marcha das Vadias, em 2011, é considerada um dos marcos do início da insurreição feminista no país. Inspirada em um evento semelhante ocorrido no Canadá no mesmo ano, a mobilização tinha como pautas alguns dos temas que se tornaram bandeiras da Quarta Onda no mundo todo, como a violência de gênero e a autonomia dos corpos femininos (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020; PEREZ E RICOLDI, 2019). Perez e Ricoldi (2019) ressaltam a importância das manifestações conhecidas como Jornadas de Junho, ocorridas em 2013, para o início da Quarta Onda feminista no Brasil. Apesar de as Jornadas de Junho abraçarem diversas pautas, parte delas conversam com a agenda feminista.

A Quarta Onda Feminista se propõe também a discutir a cultura patriarcal, os padrões de beleza e a objetificação da mulher pela mídia (SILVA, 2019). Outra temática central é a interseccionalidade, de-

bate que iniciou ainda na Terceira Onda e que é visto por autores como Soares (2021) como o ponto de partida das pautas da Quarta Onda Feminista latino-americana. A discussão sobre a interseccionalidade se beneficia do ciberespaço pela facilidade de expressão e pela possibilidade de um protagonismo descentralizado e plural. Por isso, a organização das ativistas em coletivos se mostra uma característica deste momento do feminismo (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020; PEREZ e RICOLDI, 2019; SOARES, 2021).

Ainda discutido de forma muito controversa, a legalização do aborto é outra pauta do feminismo contemporâneo no mundo todo. O debate existe desde a Segunda Onda, mas, principalmente nos países periféricos, como é o caso dos berços do ressurgimento do feminismo na Quarta Onda, esta pauta enfrenta a forte resistência de dogmas religiosos no Poder Legislativo. Apesar disso, existem países emergentes que andam na contramão e já legalizaram o aborto, como Cuba e Uruguai (SILVA, 2019).

Os questionamentos sobre gênero também estão presentes na Quarta Onda Feminista, que busca incorporar a causa trans ao feminismo, embora ainda existam vertentes abertamente transfóbicas. Isso demonstra que os movimentos sociais estão intrinsecamente atrelados ao contexto sociocultural, político e econômico em que se inserem (SILVA, 2019).

A popularização da internet foi fundamental para o despertar do novo feminismo, dando voz a grupos que as fases anteriores não foram capazes de representar, e levando informação a quem antes se encontrava às margens do conhecimento. São as mulheres de países considerados em desenvolvimento a força motriz do feminismo da Quarta Onda, a exemplo das

latino-americanas. Também é fundamental destacar o protagonismo das mulheres cujas opressões se sobrepõem para além do seu gênero, caso das mulheres negras, lésbicas, trans e mulheres com deficiência (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020). São mulheres que antes não encontravam em um movimento excludente espaço para se manifestarem e serem ouvidas. Na internet, elas encontram este espaço.

Estas feministas modernas têm suas próprias estratégias, formas de organização e de autonomia, e prezam por um movimento horizontal, sem lideranças definidas ou protagonismos. Elas militam muito fortemente baseadas em suas próprias narrativas e experiências pessoais, mas ecoando o movimento de forma tão coletiva como nunca antes, valorizando a ética mais do que a ideologia em si (HOLANDA, 2018). Desta forma, podemos compreender que a essência da Quarta Onda se caracteriza pela popularização do feminismo através das redes sociais. Rocha (2017) concorda com Soares (2021), o qual sintetiza que o atual momento do feminismo teria três pontos centrais: interseccionalidade, novos modelos de organização e redes de comunicação digital.

Apesar de o Brasil ser um dos berços da Quarta Onda, o feminismo já existe no país desde meados da década de 1930. Heloísa Buarque de Holanda (2018) conta que, apesar de antigo, o feminismo brasileiro demorou a ganhar força de fato. Agora, com o impulso possibilitado pelas redes sociais, volta a se destacar entre os movimentos sociais brasileiros. Para Holanda, isso se deve a uma nova geração, muito politizada, que entre tantas pautas, acolheu o feminismo como uma de suas bandeiras. Ou seja, o feminismo acolhe outras pautas, assim como outros movimentos sociais

acolhem o feminismo entre suas pautas, gerando um entrecruzamento que fortalece os movimentos sociais contemporâneos.

Além da Marcha das Vadias, já citada, ao longo da última década, as ativistas brasileiras utilizaram o espaço virtual para a organização de eventos físicos em diversas ocasiões. Em 2016, após o impeachment da presidenta Dilma Roussef, ocorreu o Junho Lilás, manifestações em oposição ao governo interino de Michel Temer e pelo fim da cultura do estupro. Em março de 2018, assim como em outros países, acontecia no Brasil a greve internacional das mulheres, que reivindicava o fim da violência de gênero e defendia pautas anticapitalistas. Novas manifestações ocorrerem em todo o país no mesmo mês, após o assassinato da vereadora pelo Rio de Janeiro, Marielle Franco (MELO, 2020).

Ainda em 2018, em resposta a candidatura de Jair Bolsonaro para presidência da República, as brasileiras iniciaram a campanha #EleNão, que ficou conhecida como a maior manifestação de mulheres da história do país. A campanha - que iniciou nas redes sociais antes de ganhar as ruas - é um excelente exemplo da mobilização das ativistas da Quarta Onda Feminista brasileira (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020; SOARES, 2021). E, apesar de não alcançar o objetivo da campanha (impedir a vitória de Bolsonaro), as ativistas brasileiras seguem fazendo oposição ao que Bolsonaro e seus aliados representam.

De fato, a nova geração de feministas traz fôlego para a Quarta Onda no Brasil, mas esbarra em um obstáculo que ganha força principalmente desde a eleição de Bolsonaro: o avanço de uma onda conservadora, que busca silenciar o debate feminista e até

eliminar direitos já conquistados por diversas minorias ao longo das últimas décadas.

Um exemplo é o fortalecimento da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), formada por deputados que buscam representar os interesses evangélicos no parlamento brasileiro através da oposição a projetos que contrariam os preceitos religiosos. Além de dificultar debates e o acesso a direitos, também transformam questões de gênero e sexualidade em elementos de campanha eleitoral, como no caso da “ideologia de gênero”. Incorporado não apenas pelos parlamentares evangélicos, mas também católicos e grupos seculares, este projeto político ameaça o avanço da discussão de pautas feministas e LGBTQIA+, incentiva a desinformação e o ódio, além de influenciar no crescente aumento de propostas legislativas que procuram restringir direitos sexuais e reprodutivos (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020; MARTINEZ, 2020; MELO, 2020).

Outro obstáculo importante a ser citado é a agenda neoliberal adotada por Bolsonaro, que vem atrelada a um projeto amplo de destruição de políticas públicas. O próprio Bolsonaro pode ser citado como um entrave, uma vez que ao ocupar a cadeira de presidente da República, além do poder político, também se torna uma figura de influência. Desde eleito, ficou conhecido por suas declarações homofóbicas, racistas, misóginas e de ataque aos direitos humanos (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020).

O atual contexto brasileiro exige uma mobilização ainda mais articulada e atuante do que aquela que fez insurgir a Quarta Onda no país, deixando claro que o feminismo brasileiro continua mais vivo do que nunca, enfrentando o conservadorismo e caminhando em busca de um futuro mais justo para todos.

A violência e a internet como propulsoras de um novo feminismo

Em 2015, uma adolescente argentina foi brutalmente assassinada pelo namorado. No ano seguinte, outra jovem argentina morreu após ser estuprada e assassinada. Ambos os casos geraram tamanha indignação coletiva que uma campanha *on-line* ganhou o mundo por meio das redes sociais e logo virou marcha nas ruas de várias cidades. O *#NiUnaMenos*, criado por um grupo de militantes, surgiu na Argentina, mas de forma muito rápida chegou a países como México, Chile e Peru.

Nos países subdesenvolvidos, as pautas feministas começam a ganhar ainda mais adeptos diante de uma realidade de extrema violência contra as mulheres. O Brasil, por exemplo, ocupa o 5º lugar no *ranking* mundial de feminicídios. Conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), são 4.762 vítimas para cada 100 mil, o que representa uma média de 13 mortes por dia de mulheres em razão de seu sexo ou gênero, geralmente cometidas pelo companheiro da vítima (SILVA, 2019).

Em função destes números, uma das principais pautas da Quarta Onda é o combate à violência contra a mulher e a desconstrução de relacionamentos românticos abusivos. Na internet, as militantes se unem para denunciar cada pequena violência sofrida no dia a dia, em campanhas virais como o *#MeuPrimeiroAssédio*, que movimentou o Brasil em 2015 revelando relatos que mostraram que o primeiro assédio geralmente ocorre enquanto as mulheres ainda são adolescentes ou, por vezes, crianças.

Outra campanha que ganhou espaço em seguida foi a *#MeuAmigoSecreto*, utilizada pelas ativistas

para expor atitudes machistas de colegas, amigos e familiares na forma de uma “indireta” nas redes sociais. A campanha foi proposta pelo coletivo Não Me Kahlo, que surgiu em 2013 na forma de um grupo de discussão no Facebook. Vendo o potencial de crescimento dos debates levantados no grupo, que chegou a reunir mais de 3 mil membros ainda em 2013, as idealizadoras decidiram ampliar o alcance dos mesmos e criaram uma página na mesma rede social.

Logo, o Não Me Kahlo cresceu tanto que ganhou também outras redes, virando perfil no Instagram e no Twitter. No dia 22 de janeiro de 2022, às 18h58, a página no Facebook somava 1.178.699 curtidas. Na mesma data, o projeto também era acompanhado por 132 mil seguidores no Instagram e 103,8 mil no Twitter.

A fim de aprofundar as pautas discutidas nestas redes, em 2014 o Não Me Kahlo ganhou um *site* colaborativo, onde é distribuído conteúdo multimídia sobre feminismo, machismo, homofobia e política em geral, na forma de artigos e resenhas. Todo o conteúdo é produzido, revisado ou traduzido pelas leitoras do Não Me Kahlo, o que torna o coletivo um excelente exemplo do papel da internet na Quarta Onda Feminista.

No ano seguinte à viralização da campanha, a *#MeuAmigoSecreto* deu origem a um livro, intitulado *#MeuAmigoSecreto: feminismo além das redes*. Em 2018, o Não Me Kahlo tornou-se oficialmente uma Organização Sem Fins Lucrativos, cuja verba arrecadada por meio de doações e venda de produtos oficiais é utilizada para promover o projeto e também eventos *offline* que incentivam a autonomia feminina.

Para analisar a atuação do Não Me Kahlo através das redes sociais e a relevância de um tema da Quar-

ta Onda Feminista, analisam-se as publicações que retratam a violência contra a mulher entre os meses de janeiro e junho de 2019 em sua página no Facebook. Conforme ilustra o Quadro 1, foram midiaticizadas 145 postagens no referido semestre, distribuídas de forma desigual ao longo dos meses. Observa-se que não existe padrão de publicações, seja mensal ou diário.

Pode-se classificar as publicações como postagens inéditas, ou seja, que não se repetem no período considerado; publicações autorais, que são publicadas diretamente pela página, mesmo quando desenvolvidas por terceiros; publicações de *links* do *site* www.naomekahlo.com com conteúdos diversos, que são publicados mais de uma vez no período analisado, de forma que, no Quadro 1, o número de *links* publicados mais de uma vez aparece entre parênteses. Entre as publicações estão também *links* de outros *sites*, sendo estes, em sua maioria, portais de notícias; *posts* de *links* de eventos; publicações de *cards* feitos a partir de postagens no Twitter, seja na conta do Não Me Kahlo ou em contas de terceiros, além de compartilhamentos de outras páginas do Facebook.

As publicações intercalam o uso de um tom sóbrio quando se trata de conteúdos complexos ou mais pesados, como a violência, e momentos de humor, normalmente utilizando a ironia, para criticar situações comuns de machismo ou a postura de personalidades políticas.

Quadro 1 - Publicações realizadas na página do Facebook do coletivo Não Me Kahlo entre os meses de janeiro e junho de 2019, conforme a natureza da postagem

Tipo de publicação	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Total de postagens da página	9	40	37	11	18	30
Postagens inéditas	9	39	32	11	17	26
Postagens autorais	3	11	13	5	9	7
Postagens site Não Me Kahlo (respostada)	0	15 (1)	10 (5)	2	7 (1)	16 (4)
Postagens outros sites	2	2	1	0	0	1
Postagens links de eventos	0	2	1	0	1	0
Postagens cards twitter @NAOKAHLO	2	3	0	0	0	1
Postagens cards twitter terceiros	1	5	2	0	0	2
Compartilhados de outras páginas do Facebook	1	1	5	4	0	0

Fonte: Da autora (2020).

O assunto que mais se destaca durante o semestre analisado é a violência, seja física ou psicológica. Durante o período, a página realizou 24 publicações sobre o tema. A página também tem muitas publicações voltadas à temática social e política, de forma que a luta de classes e o racismo são temas também recorrentes. Sendo assim, uma destas 24 publicações é sobre abuso de poder policial nas favelas, sem relação direta à violência contra a mulher. As demais (23) tratam de violência de gênero em suas mais diversas formas (Quadro 2).

Quadro 2 - Publicações realizadas na página do Facebook do coletivo Não Me Kahlo entre janeiro e junho de 2019 sobre o tema violência

	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO
Total	2	6	4	4	1	6

Fonte: Da autora (2020)

Entre as 23 publicações analisadas sobre violência contra a mulher, a maior parte ocorreu nos meses de fevereiro e junho, em função de algum acontecimento. Em fevereiro, em ocasião das festas de carnaval, duas publicações alertam sobre assédio comum nas festividades e sobre o fato de que importunação sexual passou a ser considerada crime previsto por lei. Por sua vez, duas situações repercutiram nas publicações da página no mês de junho: o caso de uma mulher violentada por policiais após solicitar ajuda, e o caso de um menino assassinado pela mãe e pela esposa dela que foi utilizado como exemplo para justificar o discurso de ódio em relação à população LGBT+, em especial, às mulheres lésbicas.

Quadro 3 - Publicações realizadas na página do Facebook do coletivo Não Me Kahlo sobre a temática violência, entre janeiro e junho de 2019, conforme a data e o título

DATA	Tema do conteúdo
04/01	Card "a cada 90 minutos um príncipe mata uma princesa"
15/01	Card sobre posse de armas
11/02	Texto no site Medium sobre racismo na pornografia
17/02	Card sobre deputada criticada por usar roupa "imprópria"
19/02	Texto sobre culpabilização da vítima
19/02	Card sobre culpabilização da vítima

DATA	Tema do conteúdo
25/02	Card sobre carnaval sem assédio
26/02	Texto sobre importunação sexual
16/03	Cartaz sobre 5 anos da morte de Cláudia por policiais
19/03	Texto sobre menino assassinado por policiais na favela
21/03	Texto sobre violência obstétrica
29/03	Texto sobre violência obstétrica
02/04	Texto sobre violência doméstica e sexual
02/04	Infográfico sobre violência doméstica e sexual
04/04	Texto sobre dificuldades de quem sofreu violência doméstica e sexual
09/04	Texto sobre caso de agressão à mulher na Avenida Paulista
06/05	Texto sobre mulheres viajarem sozinhas em segurança
03/06	Texto sobre acusação de estupro envolvendo Neymar
15/06	Texto sobre caso que utiliza tragédia para justificar ódio às minorias
15/06	Texto sobre caso que utiliza tragédia para justificar ódio às minorias
19/06	Texto sobre apenas hospitais indicados não realizarem aborto seguro
19/06	Carrossel sobre apenas hospitais indicados não realizarem aborto seguro
30/06	Texto sobre caso de mulher violentada após pedir ajuda a policiais

Fonte: Da autora (2020).

Estas publicações são, em sua maioria, textos informativos publicados no *site* do coletivo Não Me Kahlo com o *link* compartilhado na página no Facebook, todos autorais. Apenas duas destas publicações não são inéditas e se repetem no período de análise. Entre as publicações que compreendem textos em *sites* externos ao Facebook, estão também uma publicação de texto escrito por uma das fundadoras do coletivo e publicado inicialmente no seu perfil no *site Medium*; uma notícia sobre um episódio de agres-

são de uma mulher por desconhecidos na Avenida Paulista; e uma publicação de *site* de conteúdo feminino sobre caso da mulher violentada por policiais ao solicitar ajuda.

As demais postagens se configuram em *cards* autorais ou desenvolvidos por terceiros, mas publicados diretamente na página do Não Me Kahlo; e *cards* feitos a partir de postagens no Twitter do perfil @NAOKAHLO ou de perfis de terceiros no Twitter. Estes são os que mais demonstram tom de humor ou ironia. Apenas um texto é compartilhamento de outra página no Facebook.

Quadro 4 - Publicações realizadas na página do Facebook do coletivo Não Me Kahlo sobre a temática violência, realizadas entre janeiro e junho de 2019, conforme a natureza da postagem

DATA	INÉ-DI-TA	AU-TO-RAL	SITE NÃO ME KAHLO	OUTRO SITE	TWITTER NÃO ME KAHLO	TWITTER TER-CEI-ROS	COMPAR-TILHADO DE OUTRAS PÁGINAS
04/01	X	X					
15/01	X				X		
11/02	X	X		X			
17/02	X					X	
19/02	X	X	X				
19/02	X					X	
25/02	X	X					
26/02	X	X	X				
16/03	X	X					
19/03	X						X
21/03	X	X	X				
29/03		X	X				
02/04	X	X	X				
02/04	X	X					

DATA	INÉ-DI-TA	AU-TO-RAL	SITE NÃO ME KAHLO	OUTRO SITE	TWITTER NÃO ME KAHLO	TWITTER TER-CEI-ROS	COMPAR-TILHADO DE OUTRAS PÁGINAS
04/04	X	X	X				
09/04	X			X			
06/05	X	X	X				
03/06	X	X	X				
15/06	X	X	X				
15/06		X	X				
19/06	X	X	X				
19/06	X	X	X				
30/06	X			X			

Fonte: Da autora (2020).

Conforme uma das cofundadora do Não Me Kahlo, Bruna Rangel, o tema violência contra a mulher recebe destaque entre as publicações pois o assunto é um dos principais objetivos do coletivo. O Não Me Kahlo prioriza o uso das redes sociais, em especial o Facebook, para informar sobre a violência doméstica e o prisma que a envolve, desmistificando a ideia de que violência contra a mulher é apenas violência física, por exemplo:

[buscamos] informar neste sentido, para que elas [as mulheres] se reconheçam enquanto vítimas de violência doméstica, porque muitas mulheres, mesmo vivendo relacionamentos abusivos, não conseguem se colocar neste contexto. A gente também indica o que fazer nestes casos, os números do 180 [Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência], o que fazer caso conhecer alguém que esteja sofrendo de violência doméstica (Entrevista, dia 02 de abril de 2020).

Nas publicações, o Não Me Kahlo também busca utilizar casos de violência doméstica que têm repercussão na mídia para trazer essa pauta para debate. A maioria das publicações sobre o tema são feitas no formato de *link* para direcionamento ao *site* do coletivo. Conforme Bruna, a escolha se dá porque, no *site*, é possível trabalhar conteúdos mais extensos. Além disso, é através das visitas no *site* que os leitores têm a oportunidade de conhecer melhor o trabalho do Não Me Kahlo e as formas de apoiá-lo por meio de financiamento coletivo, de forma a torná-lo autossuficiente, visto que hoje o Não Me Kahlo atua de forma voluntária.

Análise textual e imagética

Ao considerar-se as 23 publicações na página do Facebook do Não Me Kahlo que abordam a temática violência contra a mulher, 12 são textos escritos pelas organizadoras ou colaboradoras e publicados no *site* naomekahlo.com; duas são textos publicados em outros *links*, sendo um deles uma matéria do *site* capricho.abril.com.br e outra um texto publicado no perfil da ativista Gabriela Moura, uma das fundadoras do Não Me Kahlo, no *site* *Medium*; e as nove publicações restantes são *cards*, sendo sete publicados diretamente na página do Não Me Kahlo e dois compartilhados de outras páginas, sendo estas *Jornalistas Livres* e *Levante Negro*.

Estas publicações foram agrupadas na macro categoria “violência contra a mulher”, mas abordam diferentes formas de violência, como assédio, violência obstétrica, sexual, psicológica, física, verbal e culpabilização da vítima. As publicações também retratam temas entendidos como violência contra a

mulher ou contra os seus direitos, a exemplo da dificuldade que algumas mulheres enfrentam ao buscar pelo aborto nos casos em que este é permitido por lei no Brasil, e outras violências que afetam também as demais populações marginalizadas, mas que, somadas à condição de mulher, as afetam duplamente, como o ódio destinado à população LGBT+ e a violência inerente ao racismo na forma de truculência policial nas favelas.

As publicações que se caracterizam como *cards*, em geral, não apresentam um padrão estético. As cores utilizadas variam entre tons sóbrios, como o preto e o cinza; vermelho, utilizado para transmitir a noção de alerta; tons vibrantes e tons pastéis. Em geral, quando a publicação busca transmitir uma mensagem mais pesada, priorizam-se as cores sóbrias. Quando a publicação, apesar de falar sobre violência, utiliza conotação de humor, aparecem tons mais leves e coloridos.



Imagem 1 - Uso de cores nas postagens sobre violência

Fonte: Facebook.com/NaoKahlo, 15 jan. 2019, texto *on-line*.

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO COMO ESTOPIM E AS REDES SOCIAIS
COMO PROPULSORAS DA QUARTA ONDA FEMINISTA NO BRASIL

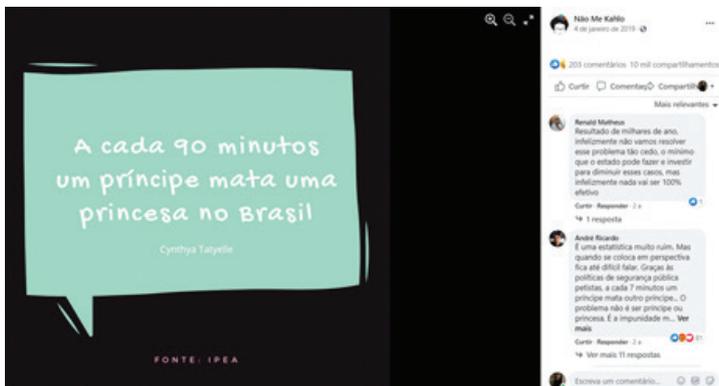


Imagem 2 - Uso de cores nas postagens sobre violência

Fonte: Facebook.com/NaoKahlo, 4 jan. 2019, texto *on-line*.

O card publicado em 25 de fevereiro de 2019, por exemplo, fala sobre carnaval sem assédio. Apesar de discutir um tipo de violência contra a mulher, a publicação utiliza de cores alegres e uma frase que até pode soar como humor: “Enfie o seu fiufiu no cooler”, fazendo referência ao recipiente térmico utilizado para armazenar ou transportar bebidas geladas. O card é uma produção dos estudantes do curso de Publicidade e Propaganda da PUC-Minas.



Imagem 3 - Uso de cores em postagens de humor ligadas à violência

Fonte: Facebook.com/NaoKahlo, 25 fev. 2019, texto *on-line*.

Muitas destas postagens também são produzidas a partir de publicações no Twitter, desta forma, são compostas pelo fundo branco e texto em preto característico desta rede social. As ilustrações também são um recurso utilizado nas publicações em forma de *cards*, muitas vezes apresentando traços mais leves e delicados.

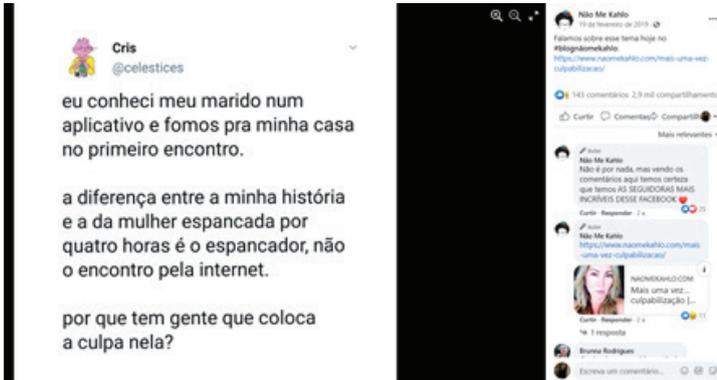


Imagem 4 - Uso de *prints* do Twitter em publicações sobre violência

Fonte: Facebook/NaoKahlo, 19 fev. 2019, texto on-line.

Entre os *cards* há um infográfico, publicado em 2 de abril de 2019, utilizado como recurso para explicar porque a violência doméstica e sexual é uma questão de saúde pública, assim como duas publicações onde o *card* não é uma arte gráfica, e sim uma imagem. O primeiro, postado em 16 de março de 2019, mostra um cartaz com a fotografia de Cláudia Silva Ferreira colado em um poste, acompanhado de texto sobre os cinco anos de sua morte. Cláudia foi atingida por tiros em uma ação policial e arrastada por 350 metros pela viatura da Polícia Militar. O episódio ocorreu em 19 de março de 2014, no Morro da Congonha, Rio de Janeiro, e é usado como exemplo da necropolítica

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO COMO ESTOPIM E AS REDES SOCIAIS
COMO PROPULSORAS DA QUARTA ONDA FEMINISTA NO BRASIL

enfrentada pelos moradores de regiões periféricas,
que são, em maioria, negros como Cláudia.

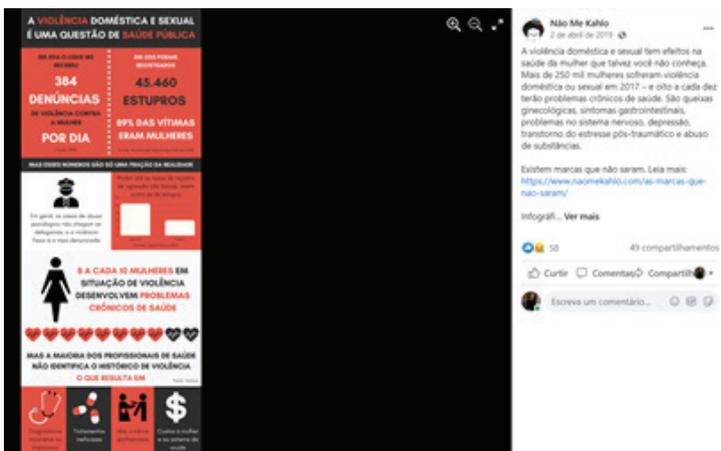


Imagem 5 - Uso de infográficos nas publicações sobre violência

Fonte: Facebook.com/NaoKahlo, 2 abr. 2019, texto on-line.



Imagem 6 - Uso fotografia nas publicações sobre violência

Fonte: Facebook.com/NaoKahlo, 16 mar. 2019, texto on-line.

O segundo card composto por uma imagem é um compartilhamento da página Jornalistas Livres, mostrando dois homens identificados como agressores

de uma mulher em um ato pró-Bolsonaro que ocorreu na Avenida Paulista, em 7 de abril de 2019.

O tom utilizado nos textos dos *cards*, nas *headlines* (textos que acompanham o *card* na publicação) e nos conteúdos publicados no *site* do Não Me Kahlo costumam ser sóbrio e utilizar dados para justificar seu posicionamento, como no exemplo do *card* publicado em 4 de janeiro de 2019, com a frase “A cada 90 minutos um príncipe mata uma princesa no Brasil” [ver imagem 1 e 2]. A informação tem como base levantamento do Instituto de Econômica Aplicada (Ipea) e faz referência à fala da pastora Damares Alves, ainda antes de assumir seu mandato como ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos.

Em alguns dos *cards* também é comum o uso da ironia e do humor, como no caso do *card* sobre o carnaval mencionado anteriormente [ver imagem 3]. Os conteúdos publicados no *site* do Não Me Kahlo não utilizam do humor como recurso, mas costumam trazer relatos pessoais das autoras.



Imagens 7 - Uso de relatos pessoais das organizadoras ou colaboradoras do Não Me Kahlo nas produções de conteúdo no blog do coletivo

Fonte: MELO, 2019, texto *on-line*.

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO COMO ESTOPIM E AS REDES SOCIAIS COMO PROPULSORAS DA QUARTA ONDA FEMINISTA NO BRASIL



Imagem 8 - Uso de relatos pessoais das organizadoras ou colaboradoras do Não Me Kahlo nas produções de conteúdo no blog do coletivo

Fonte: MELO, 2019, texto *on-line*.

Considerações finais

O feminismo é um movimento social com objetivos claros, que se somam, ressignificam ou modificam conforme a fase. Em todas as suas insurreições, o feminismo se levantou para combater opressões que as mulheres, em seu contexto histórico e social, julgavam urgentes.

Na Primeira Onda Feminista, elas buscavam direitos civis e à educação, além da revisão do papel da mulher na sociedade. Na Segunda Onda, a luta era pela liberdade sexual e do corpo. Na Terceira, a busca pela desconstrução da imagem de mulher universal e a importância de discutir a interseccionalidade dentro do movimento. No caso da Quarta Onda Feminista, dentre tantas opressões diariamente enfrentadas pelas mulheres, a violência de gênero é apontada como a mais perigosa delas, em especial quando se fala de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Conforme explica Silva (2016), o controle dos corpos femininos por meio da subordinação e da obedi-

ência ao companheiro, pai ou irmão torna mais difícil para o senso comum enxergar a violência contra a mulher como um problema social. Ao mesmo tempo, esta dificuldade facilita a incorporação da violência de gênero nos processos de socialização, nas rotinas das instituições e em outros campos sociais. Outro ponto importante destacado pela autora é que a normalização da violência de gênero também é reforçada quando as mulheres a reproduzem contra outras mulheres ou contra elas mesmas, a exemplo de quando uma mulher julga a conduta moral de outra, o tamanho de suas roupas ou sua obediência a uma figura masculina.

Enquanto a vergonha, a dependência e o senso comum tentam silenciar a violência contra a mulher, ela está escancarada em nossa realidade, tanto nas marcas físicas dos corpos violentados, quanto no uso das redes sociais pelas mulheres como mecanismo de defesa e contra-ataque. A forma como o coletivo Não Me Kahlo utiliza as redes sociais é um bom exemplo disso.

Ao serem construídos de forma totalmente colaborativa, o site e as redes sociais do coletivo se estabelecem como um espaço de acolhimento e segurança para que as leitoras/seguidoras compartilhem suas vivências. O alcance das redes sociais pode nem sempre levar os relatos de violência às autoridades, mas possibilita o compartilhamento de informações importantes, como formas de lidar com violência e modos de buscar apoio nos órgãos oficiais, que dão suporte às mulheres vítimas de violência. Conscientizar as mulheres sobre a violência de gênero é um dos principais objetivos do Não Me Kahlo, conforme explicou a co-fundadora, Bruna Rangel. Por isso, a

violência é o tema mais abordado pelo grupo e isto é feito de forma proposital.

A formação de uma rede de compartilhamento de experiências pessoais conscientiza e serve de suporte para mulheres vítimas de violência, contribuindo para a união e para a criação de uma aliança entre elas, laço que cresce baseado na empatia, no companheirismo e na busca por objetivos comuns (CURTY et al, 2019).

A decisão do coletivo de priorizar a publicação de conteúdos no site e então republicá-los nas redes sociais se mostra bastante assertiva. As redes sociais costumam passar por diversas instabilidades, como ficar “fora do ar” de forma repentina, ter páginas ou publicações suspensas, além das constantes mudanças nos algoritmos, que prejudicam a entrega do conteúdo. Por isso, utilizar o site como uma base garante maior controle e segurança para o coletivo e para as ativistas.

Apesar de aproveitar bem as oportunidades de debate possibilitadas por datas como o Carnaval ou o Dia Internacional da Mulher, a falta de uma frequência constante nas publicações também pode prejudicar a entrega do conteúdo aos seguidores. Porém, é compreensível a dificuldade de seguir um calendário de publicações fixo, visto que todo conteúdo é produzido de forma voluntária e muito paudado por acontecimentos em tempo real.

A adoção de um tom irônico nas publicações pode não ser bem visto aos olhos mais conservadores, porém parece funcionar com o público alvo do Não Me Kahlo. Além disso, também é uma boa estratégia para criar uma identidade comunicacional nas redes sociais. Da mesma forma, o uso de determina-

das cores e fontes em publicações que seguem uma mesma linha editorial também contribui para reforçar uma ideia de identidade e “dar cara” ao coletivo, fazendo com que as seguidoras tenham facilidade de identificar uma publicação feita pelo Não Me Kahlo no meio de todo o conteúdo entregue pelas redes sociais todos os dias.

Portanto, pode-se concluir que o Não Me Kahlo representa a Quarta Onda Feminista quando performatiza sua insurreição a partir da luta contra a violência de gênero, tendo as redes sociais como uma de suas principais ferramentas. O uso das redes ainda contribui para dar maior credibilidade ao movimento. Ao analisar esta relação, vê-se de forma clara o crescimento e a força do movimento feminista propagados pelas redes.

As feministas contemporâneas têm acesso com facilidade aos números cada vez mais alarmantes da violência contra a mulher, que chegam a elas, inclusive, disseminados por estes meios. Com o alcance e a capacidade de propagação de informação de forma rápida, as ativistas encontram nestes ambientes de informação solo fértil para dar novo fôlego ao movimento feminista.

Referências

ATLAS da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: **São Paulo**: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf Acesso em 10 mar. 2020.

CURTY, L. *et al.*. **O papel das redes sociais no combate ao feminicídio**, 2019. Publicado nos Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Lingua-

gem e Tecnologia *On-line*. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/15069/1125612228. Acesso em: jun. 2020.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: BARROS, Antonio; DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 215-234.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GIDDENS, A. Governo e política. In: **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 342-365.

GIL, A. C. Pesquisa social. In: **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.27-28.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GOLDENBERG, M. Entrevistas e questionários. In: **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.85-91.

GORCZWWSKI, C.; MARTIN, N. B. A necessária revisão do conceito de cidadania: Movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática. Santa Cruz do Sul: **Edunisc**, 2011. E-book. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1816/5/A%20necess%3%a1ria%20revis%3%a3o%20do%20conceito%20de%20cidadania.pdf>. Acesso em abr. 2020.

GOVERNO FEDERAL. **Balanco anual**: Ligue 180 recebe mais de 92 mil denúncias de violações contra mulheres. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/agosto/balanco-anual-ligue-180-recebe-mais-de-92-mil-denuncias-de-violacoes-contra-mulheres>. Acesso em jul. de 2020.

HOLANDA, H. B. introdução: O grifo é meu. In: _____ (org). **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 11-19.

MARTINEZ, M. Fazer o mesmo, sem ser o mesmo: feminilidades, neoliberalismo e antifeminismo no contexto Goddlywood Brasil. **Ex aequo**, Lisboa, n. 42, p. 103-118, 2020. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/feminilidades-neoliberalismo-e-antifeminismo-no-contexto-goddlywood-brasil>. Acesso em: jan. 2022.

MELO, F. Não é fumaça, é fogo! Cruzada antigênero e resistências feministas no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, ed. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ref/a/qzQJqn8gWfBY4Rvdp-3dxwDP/?lang=pt>. Acesso em: jan. 2022.

MELO, J. Episiotomia, manobra de Kristeller e ponto do marido. Relato sobre as violências que sofri no meu parto. **Não me Kahlo**, 21 mar. 2019. Disponível em: < <https://naomekahlo.com/episiotomia-manobra-de-kristeller-e-ponto-do-marido-relato-sobre-as-violencias-que-sofri-no-meu-parto/>>. Acesso em: abr. 2020.

MIGUEL, R. B. P.; MARX, D. S.; ARNDT, G. J. Surfando na onda digital: feminismos em rede no Brasil. **Ex aequo**, Lisboa, n. 42, p. 119-134, 2020. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/feminismos-em-rede-no-brasil>. Acesso em: jan. 2022.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discurso. In: GALIAZZI, M. C.; MORAES, R. (orgs.) **Análise textual discursiva**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003, p.85-113.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 269-278.

NÃO ME KAHLO. Aproximadamente 40% de todos os homicídios de mulheres no... **Facebook**, 15 jan. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.382671338573205/1158077754365889/?type=3&%3Btheater>. Acesso em: jun. 2020.

NÃO ME KAHLO. A cada 90 minutos.... **Facebook**, 4 jan. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.388197031353969/1150553415118323/?type=3&theater>. Acesso em: jun. 2020.

NÃO ME KAHLO, Assédio não tem vez, viu? Vamos aproveitar... Facebook, 25 fev. 2019. Disponível em <https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.388197031353969/1183829921790672/?type=3&theater>. Acesso em: jun. 2020.

NÃO ME KAHLO. Falamos sobre esse tema hoje no #blognãomekahlo... Facebook, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.388197031353969/1179899812183683/?type=3&theater>. Acesso em: jun. 2020.

NÃO ME KAHLO. A violência doméstica e sexual tem efeitos na saúde da mulher que talvez você não conheça... Facebook, 2 abr. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.382671338573205/1205323592974638/?type=3&theater>. Acesso em: jun. 2020.

NÃO ME KAHLO. Hoje faz 5 anos da morte de Cláudia Silva Ferreira... Facebook, 16 mar. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.382671338573205/1195016554005342/?type=3&theater>. Acesso em: jun. 2020.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. M. **A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva**. In: X CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIA POLÍTICA (ALACIP), 10., 2019, Monterrey, México. Disponível em: <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>. Acesso em: jan. 2022.

RIBEIRO, D.; NOGUEIRA, C.; MAGALHÃES, S. I. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. **Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais**, Barreiras (BA), v. 1, n. 3, p. 57-76, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/780/989>. Acesso em: jan. 2022.

RIBEIRO, S.; DA SILVA, C.; Feminismo negro. In: HOLANDA, H. B. (org.) **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 252-299.

ROCHA, F. B. M. **A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital**. Rio Grande do Sul. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6728/Fernanda%20de%20Brito%20Mota%20Rocha_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: jan. 2022.

ROSE, D. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p.343-362.

SILVA, A. A. **A Atuação das redes sociais no enfrentamento da violência conjugal contra as mulheres**: um estudo nas cidades de Cachoeira e São Félix - Bahia. Bahia, 2016. Dissertação (Mestrado interdisciplinar) Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23972>. Acesso em: jun. 2020.

SILVA, J. M. **Feminismo na atualidade**: a formação da quarta onda. Recife: Publicação Independente, 2019.

SOARES, D. L. H. **#ELENÃO e a quarta onda do feminismo no Brasil: movimentos de mulheres no Twitter durante as eleições 2018**. Rio Grande do Sul. 2021. Dissertação Mestrado em Ciências Humanas), Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4214>. Acesso em: jan. 2022.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Dados dos autores

Amanda Cantú Rodrigues Soares

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-9387-3833>

Universidade do Vale do Taquari - Univates

Graduanda em Jornalismo pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, Brasil. Integra o grupo de pesquisa Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (Ceami/CNPq/Univates).

Contato principal para correspondência.

Jane Márcia Mazzarino

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-6051-5116>

Universidade do Vale do Taquari - Univates

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Rio dos Sinos - Unisinos. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, Brasil. Coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (Ceami/CNPq/Univates).